

# “Das bruxas da sua idade você é a mais inteligente”: articulações entre celebridades e feminismo a partir dos campos problemáticos inaugurados por Emma Watson no contexto digital

Maria Clara Aquino Bittencourt<sup>1</sup>  
Christian Gonzatti<sup>2</sup>  
Francielle Esmitiz da Silva<sup>3</sup>

## Resumo:

O artigo busca compreender a forma como as ações feministas de Emma Watson são reverberadas e adquirem tessitura acontecimental, inauguram campos problemáticos e controvérsias/disputas intrínsecas à emergência de matérias. A primeira parte se desdobra sobre o feminismo e a relação entre celebridades e (ciber)acontecimentos. Depois, desenvolvemos uma arqueologia dos campos problemáticos da performance feminista de Emma Watson na cultura digital. A partir dessa processualidade, tensionamos questões de gênero, a potência dos campos problemáticos nesse contexto e apontamos a possibilidade de celebridades mobilizarem pessoas a se interessarem e compreenderem as reais intenções de alguns feminismos.

**Palavras-chave:** celebridades; feminismo; sites de redes sociais.

## “You’re the cleverest witch of your age I’ve ever met”: articulations between celebrities and feminism in the problematic fields inaugurated by Emma Watson in the digital context

## Abstract:

This paper seeks to understand how Emma Watson’s feminist actions are reverberated and acquire eventory texture, inaugurate problematic fields and controversies/disputes intrinsic to the emergence of matters. The first part unfolds about the feminism and the relationship between celebrities and (cyber)events. We then develop an archeology of the problematic fields of Emma Watson’s feminist performance in digital culture. From this process, we stress gender issues, the potency of problematic fields in this context and point to the possibility of celebrities mobilizing people to become interested and to understand the real intentions of some feminisms.

**Keywords:** celebrities; feminism; social networking sites.

Artigo recebido em: 12/09/2017

Aceito em: 02/02/2018

1 Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS). Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: aquino.mariaclara@gmail.com.

2 Publicitário e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: christiangonzatti@gmail.com.

3 Publicitária e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: fran.esmitiz@gmail.com.

## Introdução

Quando Emma Watson foi selecionada para o papel da bruxa Hermione Granger, uma das protagonistas da série Harry Potter, ela tinha somente nove anos. Atualmente, com 26 anos de idade, ela vem mantendo a sua visibilidade e fama a partir dos mais variados papéis sociais e midiáticos; protagonizou filmes como *As Vantagens de Ser Invisível* (2012) e o investimento milionário da Disney, *A Bela e a Fera* (2017), além de campanhas de moda e beleza. É uma das celebridades mais bem pagas do mundo com a sua idade<sup>4</sup> e vem se envolvendo em causas sociais, como o feminismo. O papel feminista de Emma tem rendido muitos debates e controvérsias que passam a movimentar a produção de notícias pelo jornalismo que se dedica a cobertura de celebridades, assim como de coletivos midiáticos<sup>5</sup> (AQUINO BITTENCOURT, 2015) voltados às questões de gênero.

Fairclough (2016) entende, a partir do seu estudo sobre Beyoncé, que a cultura das celebridades se tornou um espaço importante para a constituição de debates, entendimentos e sentidos em torno do feminismo. Uma parcela do senso comum costuma destacar que pautas como a igualdade de gênero e a equiparação salarial, por exemplo, já foram alcançadas e não condizem com a preocupação das mulheres na contemporaneidade. Nesse sentido, a performance de celebridades que se posicionam a favor de pautas feministas, potencializa a compreensão sobre a importância social dos diferentes movimentos. Em relação a Beyoncé e ao clipe *Formation*<sup>6</sup>, ela destaca a presença de uma das mulheres mais bem pagas do mundo do entretenimento se posicionando contra a misoginia, pela libertação sexual e invocando a negritude de uma maneira nunca vista no mainstream. São mensagens políticas enquadradas nas lógicas capitalistas, que ainda que sejam poderosas em relação ao espalhamento (JENKINS et al., 2014) de reivindicações feministas, passam a desencadear questionamentos sobre a forma como celebridades podem moldar debates culturais.

Emma Watson, nesse sentido, tem se envolvido ativamente com o feminismo, sendo nomeada Embaixadora da Boa Vontade pela Organização das Nações Unidas. Uma das suas primeiras ações no cargo foi o lançamento da campanha *#HeForShe* – na qual solicita que os homens ajudem na luta contra a opressão através do gênero. No discurso<sup>7</sup>, no qual ela lança o movimento, a atriz destaca a forma como, a partir da sua vivência, notou a desigualdade de gênero atingindo as mulheres – fala de como a mídia sexualiza atrizes, da disparidade de salários e da forma como as mulheres são desestimuladas a seguirem carreiras nos esportes, por exemplo. Entre as barreiras

4 Fonte: <http://revistamonet.globo.com/Listas/noticia/2015/07/celebridades-mais-ricas-com-menos-de-25-anos.html>. Acesso: 04 abr. 2017.

5 Coletivos midiáticos são grupos que constroem narrativas sobre os acontecimentos de maneira independente de grandes veículos para alcançarem visibilidade. Muitos desses grupos buscam atuar de forma independente e coletiva nos processos de produção e circulação, desenvolvendo práticas que tentam diferir das práticas empreendidas pelos veículos baseados em modelos massivos.

6 Clipe: [https://www.youtube.com/watch?v=WDZJPJV\\_bQ](https://www.youtube.com/watch?v=WDZJPJV_bQ). Acesso: 04 abr. 2017.

7 Discurso: <https://www.youtube.com/watch?v=rq-jogDdKFU>. Acesso: 15 mar. 17.

ras dos avanços feministas, cita a falta da participação de homens em debates e na construção de uma sociedade menos generificada e binária. Ela recorre, para isso, a noção de que o feminismo designa uma pessoa que acredita na igualdade social, econômica e política dos sexos e pauta a forma como as masculinidades também incluem o campo do gênero. O discurso de Emma remeteu a noção de performatividade de gênero.

Para a autora feminista Judith Butler (2003; 2014), o sexo/gênero se fixa em nossos corpos a partir de uma performatividade imposta por uma determinada cultura. Nesse sentido, em sociedades ocidentais, um pênis denota que uma pessoa deve ser/incorporar o que há de mais normativo em relação a ser um menino para não sofrer violências físicas e simbólicas nos mais diversos níveis, por exemplo. As pessoas que fogem à essa lógica de gênero, binária e compulsoriamente imposta a partir dos mais diversos campos de poder, foram tornadas marginais a partir de desdobramentos históricos que, da mesma forma, valoraram o masculino em detrimento do feminino - inclusive quando há conformidades ao padrão hegemônico do gênero. No entanto, existem brechas nessas normas que possibilitariam a constituição de performatividades de gênero que não reverberassem ódio ou violências. Compreendemos, assim, que essa perspectiva feminista contemporânea dialoga com o discurso de Emma. Em contrapartida, a atriz passou a ser criticada por pessoas que se contrapõem a muitos ideais feministas de maneira odiosa e, ao mesmo tempo, reverberou críticas de diversas vertentes feministas que a acusavam de ser uma “feminista branca” e de potencializar um suposto roubo do “lugar de fala” das mulheres no feminismo ao convidar homens para a luta.

Emma passou a motorizar a emergência de notícias que instauram campos problemáticos (QUÉRÉ, 2005) em torno das questões de gênero. Recentemente, a atriz posou para a revista *Vanity Fair* com uma parte dos seios à mostra, o que desencadeou críticas a sua imagem feminista - Emma respondeu colocando que feminismo era sobre liberdade e não sobre os seus peitos. Em contrapartida, algumas pessoas lembraram uma entrevista na qual Emma teria criticado Beyoncé por mostrar o corpo e ser sensual nos vídeos de *Lemonade*, apontando hipocrisias e controvérsias no seu discurso. Sites de notícias e coletivos midiáticos alimentavam a polêmica mobilizando a emergência de diferentes sentidos em torno do caso. O que queremos compreender no artigo é, portanto, a forma como as ações feministas de Emma Watson são reverberadas e adquirem tessitura acontecimental, além das controvérsias/disputas intrínsecas na emergência de notícias e matérias em torno da performance da atriz. A primeira parte se desdobra sobre a relação entre celebridades e acontecimentos em redes digitais. Depois, desenvolvemos uma arqueologia dos campos problemáticos da performance feminista da atriz na cultura digital, considerando os sentidos que são inaugurados, ou inauguram, esses movimentos identitários.

## Feminismo e cultura digital

O feminismo vem ganhando espaço e visibilidade com o crescimento da internet e do uso dos sites de redes sociais (RECUERO, 2008), levantando discussões na busca pela igualdade entre homens e mulheres, desconstruindo o que se acredita ser mulher, levando em consideração que os papéis sociais entendidos como masculinos e femininos são práticas culturais construídas (LOURO, 1997). No entanto, ações contra a opressão feminina podem ser observadas em vários momentos da história - o feminismo como movimento social organizado da forma que conhecemos surgiu no século XIX no ocidente.

Segundo Louro (1997), manifestações contra a discriminação feminina expressivas aconteceram no período chamado “sufragismo”, que lutava pelo direito ao voto das mulheres. O movimento se disseminou por outros países ocidentais e depois ficou conhecido como a primeira onda do feminismo, vindo as questões de organização da família e acesso ao estudo. Nesse primeiro momento, as reivindicações pelas quais se lutavam eram de interesse de mulheres brancas e de classe média que, de acordo com a autora, quando alcançadas em algum nível criaram certa acomodação.

A segunda onda do feminismo emergiu no final dos anos 1960, voltando-se também para as construções teóricas. É nesse período que através de discussões entre militantes, críticos e estudiosas e estudiosos surge o conceito de gênero. Nesse momento, eclode também o feminismo radical, que se debruçava sobre as relações de poder que estruturam a família, como a sexualidade. As radicais revolucionaram a teoria política e feminista contribuindo, principalmente, com os grandes protestos e marchas públicas, criação de grupos de autoconsciência e de centros alternativos de ajuda e autoajuda (GARCIA, 2015; LOURO, 1997).

De modo geral, a história hegemônica apresenta o feminismo como um movimento único, entretanto é possível perceber uma pluralidade de vertentes políticas que o compõem como, por exemplo; o feminismo associado aos movimentos socialistas, que buscavam melhores condições de trabalho e melhores salários e o feminismo anarquista voltado às questões de sexualidade, direito ao próprio corpo e acesso à educação. Sendo assim, podemos falar em feminismos, um movimento plural e com agendas diversas (MEYER, 2012).

O conceito de gênero foi disseminado por um grupo de estudiosas americanas, em um momento de confronto com aqueles que ratificavam argumentações biológicas e teológicas, ou que entendiam que as desigualdades sociais se davam em função de classe social - elas argumentavam que as desigualdades de gênero se manifestam através do que designam ser feminino e masculino em uma determinada cultura e momento histórico. O termo *gender* ou gênero passa a ser utilizado para rejeitar o determinismo biológico subentendido no termo sexo, dando ênfase a construção social e histórica criada sobre as características biológicas (SCOTT, 1995; LOURO, 1997;

MEYER, 2012).

Louro (1997) entende gênero como algo que não é dado, mas construído, levando em consideração que as noções de gênero mudam entre as sociedades, seus momentos históricos, mas também no seu interior, pensando os diversos grupos étnicos, raciais, religiosos e de classe que a compõem. Além disso, o gênero deve ser pensado como plural, em função das diversas representações de masculinidades e feminilidades constituintes das identidades dos sujeitos, sendo essa identidade inacabada, passível de transformações e até contraditória.

Ser homem ou ser mulher não é algo que pode ser considerado como dado ou natural, são processos que ocorrem no espaço cultural. O gênero é construído durante a vida, de forma contínua. (LOURO, 2008, p.18). Butler (2014, p.253) traz ainda que gênero não é o que alguém “é” ou o que “tem”, mas o instrumento pelo qual se produz e normaliza aquilo que é masculino e feminino, “junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume.” Ainda segundo a autora, gênero pode ser aquilo que desconstrói e desnaturaliza as noções de feminino e masculino estabelecidas.

Joan Scott (1995, p. 86) fala da necessidade de romper a noção de fixidez na representação dicotômica do gênero, pois ele “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, que permite um modo de compreender o significado as várias formas de interação humana. Para Louro (1997, p.21), é preciso “que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”.

Com o crescimento da internet e as diversas possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias de comunicação, a liberdade de expressão pode ser maximizada por meio das mídias digitais. Através de coletivos midiáticos (AQUINO BITTENCOURT, 2016) e de ciberativismos, o feminismo vem ganhando mais espaço e visibilidade na sociedade.

Coletivos midiáticos (AQUINO BITTENCOURT, 2016), são grupos de pessoas, que por meio dos sites de redes sociais, plataformas, dispositivos móveis e de comunicação digital, produzem e fazem circular conteúdos de forma independente da mídia massiva, o que não significa que não reproduzam, em alguns momentos, lógicas massivas. Esses coletivos se utilizam das tecnologias da comunicação, da cultura da participação e da convergência (JENKINS, 2009) para desenvolverem suas atividades, e em muitas situações, atuam de forma (ciber) ativista, como nos casos de coletivos midiáticos feministas, que se apropriam das dinâmicas da rede para informar, debater e visibilizar pautas feministas.

Em 2015, discussões em torno da questão do aborto, sobre os assédios sofridos pelas mulheres na infância e campanhas denunciando comportamentos machistas



cotidianos, ganharam espaço na rede, na busca por empoderar as mulheres e conscientizá-las sobre o machismo enraizado na sociedade; o que gerou um aumento nas buscas por termos como *feminismo* e *empoderamento* no Google<sup>8</sup>, de 86,7% e 354,5%, respectivamente.

Essas campanhas serviram não só para empoderar mulheres, mas também para espalhar e informar a necessidade de uma sociedade mais igualitária e humana. Os feminismos através desses espaços e plataformas conseguem alcançar um número significativo de pessoas, visto que quando esses acontecimentos eclodem mobilizam a rede como um todo, gerando uma intensa diversidade de sentidos. Essa potência acontecimental dos feminismos é intensificada e adquire tessituras muito específicas quando pensamos na sua articulação com celebridades.

## Celebridades e (ciber)acontecimentos

O papel da fama é colocado em pauta por Edgar Morin (1997) através da metáfora com os deuses e semideuses do Monte Olimpo. Para ele, os novos olímpianos, as celebridades, podem nascer do imaginário, das funções sagradas, dos trabalhos heroicos e eróticos; o Olimpo em que esses seres mitológicos se encontram é fluído e está, entre outros lugares luxuosos, nas notícias de jornais. Coloca que quando se trata destas vedetes da cultura de massa, a informação é elevada, em concordância, assim, com o que aponta Simões (2014, p. 213) em relação ao poder de afetação e a dimensão acontecimental que as celebridades assumem, pois elas

[...] emergem na vida social provocando uma ruptura, uma descontinuidade que evidencia um desempenho digno de louvor e distinção em certo campo e que configura um divisor de águas: um antes e depois daquela celebridade. Mas isso não significa pensar a celebridade como isolada da experiência dos sujeitos que a circundam e que são afetados por ela.

A autora coloca, também, a importância da reflexão sobre o carisma das celebridades, que está articulada ao poder de afetação que elas possuem. As características que uma celebridade reverbera e encarna ajudam a construir um poder capaz de tocar e sensibilizar as diferentes experiências dos públicos. Nesse processo, entram em cena projeções, identificações e contra-identificações que definem como somos afetados por pessoas célebres. É a partir dessa relação com celebridades “[...] que se realiza parte desses diferentes mecanismos e que se evidencia tanto o carisma daqueles quanto o seu poder de afetação. (SIMÕES, 2014, p. 215). Estes movimentos de construção identitária a partir da relação com as celebridades criam campos problemáticos (QUÉRÉ, 2005) que acabam, muitas vezes, motorizando acontecimentos que ganham visibilidade e constroem sentidos a partir das apropriações de atores

<sup>8</sup> Estudo realizado pelo Think Olga com base em menções quantitativas em eventos pontuais de 2015. Fonte: <http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/> Acesso em 01/11/2016

sociais.

“Um tópico da resenha de livros *do The New York Times Book Review, 16-9-1962*, proclama: Nada como um *bestseller* para fazer Hollywood vibrar”. (MCLUHAN, 2007, p. 74). Hoje, um *bestseller* é capaz de engajar muito além das fronteiras de um país: o mundo vibra com as novidades da cultura pop. As mídias apresentam “[...] as principais referências na determinação do que é relevante, do que é fato histórico, do que deve ser lembrado hoje pelas sociedades” (HERSCHMANN, PEREIRA, 2003, p. 15). Entender as celebridades e a sua articulação com as redes digitais é um movimento de identificação das potências mobilizadoras que circundam os ciberacontecimentos dentro da semiosfera.

Os ciberacontecimentos são compreendidos por Henn (2014) como acontecimentos tramados em redes digitais. A partir da intensidade conversacional das redes digitais, atrizes e atores sociais passaram a interferir no discurso acontecimental jornalístico, não só desenvolvendo novas narrativas em torno de um acontecimento, mas também criando intensos fluxos comunicacionais que podem fazer emergir pautas jornalísticas. Se antes o autor compreendia o jornalismo a partir da relação semiótica objeto-acontecimento, interpretante-jornalismo, signo-notícia, na contemporaneidade ele observa uma nova estruturação a partir das conversações em espaços como o Facebook e o Twitter, que, ao mesmo tempo em que são desenvolvidas por interpretantes, também geram novos signos, instaurando um processo de semiose – termo cunhado por Peirce (2002) para designar a ação do signo.

Aquino Bittencourt (et al., 2015) destacam como alguns ciberacontecimentos geram, ao se articularem a celebridades, diversas semioses em sites de redes sociais a partir do caso envolvendo o desafio do balde de gelo, no qual pessoas famosas jogavam um balde de gelo sobre si mesmas, doavam dinheiro para instituições de apoio a pessoas com esclerose lateral amiotrófica e divulgavam o vídeo do momento nas suas redes, desafiando outras pessoas. O caso obteve notável visibilidade e constituiu um verdadeiro ciberacontecimento que demonstra a forma como pessoas célebres podem se articular a causas sociais potencializando a emergência de sentidos em torno delas. É um processo complexo e que desencadeia uma mútua relação entre celebridades e acontecimentos de diversas ordens: ao mesmo tempo em que a celebridade alimenta e motoriza a construção de notícias, ela também tem a sua performance potencializada pelo jornalismo que se dedica a sua cobertura.

Para Quéré (2005, p. 68), “[...] o acontecimento é um fenômeno de ordem hermenêutica: pode ser palco de encontro, interação, confrontação, determinação recíproca”. Nesse sentido, acontecimentos que circulam e são tramados em redes digitais desencadeiam novas experiências a partir da intersecção de diferentes ordens. O autor também entende que não existe um acontecimento isolado, o que denota que o contexto e a constituição histórica de determinadas questões estão implicadas na força propulsora de sentidos de um determinado acontecimento. Assim, uma si-

tuação pode gerar tensões, conflitos, contradições e discordâncias que desenvolvem barreiras para que se chegue a uma solução apropriada – o que faz emergir um problema que origina uma pesquisa que visa encontrar uma solução.

Muitas vezes, porém, um problema é formado de uma multiplicidade de elementos constitutivos, dispostos numa relação de integração, ao mesmo tempo que se entrelaça com outros problemas conexos. Podemos falar, então, de um campo problemático (QUÉRÉ, 2005, p. 72).

Ele compreende que os acontecimentos se inscrevem em campos problemáticos, elaborando esclarecimentos, discriminações, soluções, inquéritos. As mídias são suportes para os acontecimentos e delineiam determinados campos problemáticos – que se constituem a partir do trabalho realizado em torno desses mesmos acontecimentos. Os públicos são partes importantíssimas ao olhar do autor, pois é a partir da experiência que os acontecimentos se tornam portadores e criadores do sentido. Em sites de redes sociais, a partir dos processos convergentes (JENKINS, 2008) e espalháveis (JENKINS et al., 2014), esses campos são intensificados e integram a potência mobilizadora em torno de determinado (ciber)acontecimento. Os ciberacontecimentos articulam esses dois conceitos, inaugurando processos semióticos e mobilizando a constituição de campos problemáticos.

A relação de Emma Watson com o feminismo adquire tessitura acontecimental a partir da performance célebre da atriz, o que inclui as publicações e declarações que ela faz em suas redes digitais – convergentes e com alto nível de espalhabilidade. Os públicos das redes digitais interferem nesse processo gerando inquéritos que potencializam semioses e inauguram novos campos problemáticos. Ao se articular a uma causa social como o feminismo, a intensidade de disputas de sentidos em torno de Emma também se intensifica e pode sinalizar a forma como o jornalismo, seja a partir da ação de coletivos midiáticos (AQUINO BITTENCOURT, 2015) ou de portais de notícias massivos, utiliza essa potencialidade para construir notícias e matérias que integram as semioses que emergem em redes digitais.

## Emma Watson e campos problemáticos

Passamos a olhar a emergência de campos problemáticos que são acionados a partir da relação de Emma Watson com o feminismo. Desenvolvemos buscas exploratórias em navegadores anônimos no site Google, incluindo o Google News, e também no *Medium*<sup>9</sup>, para, assim, construirmos uma arqueologia dos casos envolvendo a atriz e compreendermos como eles se constituem e adquirem tessitura acontecimental a partir de portais de notícias<sup>10</sup>, pessoas que utilizam plataformas alternativas

9 Por compreendermos que há, nessa plataforma, a presença de textos de teor jornalístico em torno dos mais diferentes assuntos, achamos relevante integrar o site nas buscas – a fim de compreender o nível de afetação dos campos problemáticos na cultura digital.

10 São considerados os portais que aparecem na busca anônima – destacamos que a cobertura em torno das palavras feminismo e Emma Watson apresenta ampla cobertura em diferentes sites. Não buscamos quantificar esses dados, mas sinalizar a forma



para publicarem textos, assim como coletivos midiáticos. A nossa intenção aqui não é quantitativa, portanto, para o delineamento e tensionamento do que coletamos, serão trazidas matérias representativas nas notas de rodapé, mas que não esgotam o que foi produzido midiaticamente em relação ao feminismo de Emma Watson.

As primeiras notícias em torno da problemática pautam o discurso da ONU, do dia 21 de setembro de 2014, que trouxemos na abertura do artigo. Sites como O Globo<sup>11</sup>, Lugar de Mulher<sup>12</sup>, Cláudia<sup>13</sup> e Litera Tortura<sup>14</sup> trouxeram trechos e traduções do que midiaticamente tornou-se a primeira grande ação feminista da atriz, enquanto a BBC o apontou como um discurso viral<sup>15</sup>, dada a forma como ele foi espalhado pelas redes digitais – o que intensificou a sua constituição como um ciberacontecimento (HENN, 2014). Três dias após o evento, pessoas também começaram a publicar traduções da fala em espaços desvinculados do jornalismo institucional<sup>16</sup>, além de críticas referentes ao discurso dos mais diferentes espectros. O site A Voice for Men Brasil<sup>17</sup>, por exemplo, apontou os motivos pelos quais não apoiaria a campanha #HeforShe, dentre eles, o fato da campanha ser feminista, o que segundo o autor impede a maior parte dos homens de quererem se envolver com isso, e a não colaboração com algo que seria prejudicial para homens e meninos, dando abertura para o entendimento de que a campanha pregaria uma supremacia das mulheres. Em outro viés, matérias<sup>18</sup> discordavam da fala de Emma por acreditarem que o feminismo não tem nada a ver com os homens, trazendo como exemplo uma possível barreira para pessoas heterossexuais, por exemplo, falarem sobre a questão LGBT, ou ainda entendiam que o que Emma estava propondo era uma resolução dos problemas de gênero dando protagonismos aos homens<sup>19</sup> e não trazendo um recorte de raça para a discussão, ignorando a vivência das mulheres negras que, como aponta Crenshaw(2004), sofrem opressão por marcadores sociais interseccionalizados<sup>20</sup>.

O campo problemático instaurado pelo discurso também desencadeou ameaças à Emma Watson: um grupo de *hackers* publicou uma contagem regressiva na qual divulgariam fotos da atriz nua na internet – rendendo matérias em sites como El País<sup>21</sup>

---

como a performance feminista da atriz inaugura notícias. Para isso, ilustramos os casos com matérias qualitativamente intencionais em torno desse movimento.

11 Fonte: <http://oglobo.globo.com/sociedade/embaixadora-da-onu-emma-watson-conclama-homens-lutar-pela-igualdade-entre-os-sexos-14008275> Acesso: 16 mar. 2017.

12 Fonte: <http://lugardemulher.com.br/he-for-she-se-nao-agora-quando/> Acesso: 16 mar. 17.

13 Fonte: <http://claudia.abril.com.br/famosos/emma-watson-faz-discurso-transformador-pela-igualdade-de-generos-na-onu/> Acesso: 16 mar. 17.

14 Fonte: <http://literatortura.com/2014/09/confira-traducao-discurso-feminista-realizado-por-emma-watson-em-evento-da-onu/>. Acesso: 16 mar. 17.

15 Fonte: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140924\\_emmawatson\\_discurso\\_bg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140924_emmawatson_discurso_bg) Acesso: 16 mar. 17.

16 Fonte: <https://madameheringer.com/papo-feminista-emma-watson-na-onu-aaacc7702e18#.yno1wm5yk> Acesso: 16 mar. 2017.

17 Fonte: <http://br.avoicemen.com/recomendados/quatro-raoes-por-que-eu-nao-vou-apoiar-a-campanha-heforshe-de-emma-watson/> Acesso: 16 mar. 2017.

18 Fonte: <http://pacmae.com.br/feminismo-o-discurso-de-emma-watson-nao-me-representa-completamente/> Acesso: 16 mar. 2017.

19 Fonte: <https://medium.com/@sfcamila/mais-voz-para-as-mulheres-por-favor-ou-qual-%C3%A9-o-problema-de-campanhas-como-a-heforshe-2ca7ee7b1a9c#.ef3pzheou> Acesso: 16 mar. 17.

20 Fonte: <http://www.emdialogo.uff.br/content/porque-eu-nao-estou-nem-ai-para-o-discurso-feminista-de-emma-watson-na-onu>. Acesso: 16 mar. 17.

21 Fonte: [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/23/sociedad/1411488631\\_917293.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/23/sociedad/1411488631_917293.html) Acesso: 16 mar. 17.

e G1<sup>22</sup>, por exemplo. As declarações de outras celebridades sobre a fala de Emma também passavam a integrar o campo problemático desencadeado, como a de Maisie Williams, de *Game of Thrones*, que apontou a existência mulheres em situações muito piores do que as americanas e inglesas e que algumas coisas que Emma disse em seu discurso não a incomodavam – o que rendeu títulos como “Atriz de *Game of Thrones* diz que não tem paciência para ‘feminismo de primeiro mundo’ de Emma Watson”<sup>23</sup>. A performance de Emma em relação a campanha #HeforShe passou a ser intensificada por suas publicações em perfis de sites de redes sociais, como o Instagram, além dela ter sido a celebridade a estrear a capa da primeira revista *Elle* sobre feminismo<sup>24</sup>. Todos esses movimentos a renderam o título de celebridade feminista de 2014 pela revista *Cosmopolitan* e pela *Ms. Foundation for Women*<sup>25</sup>. No Dia Internacional da Mulher de 2015, ela comemorou o sucesso da campanha e incentivou que mais homens se juntassem ao feminismo, assumindo uma posição em prol dos direitos das mulheres e tendo orgulho de serem feministas<sup>26</sup>.

As ações em torno do feminismo passaram a constituir a performance como celebridade de Emma Watson. Ela entrevistou Malala Yousafzai<sup>27</sup>, a paquistanesa vencedora do Prêmio Nobel da Paz que luta pelo acesso de meninas à educação – a menina declarou que passou a se declarar como feminista após ver o discurso da atriz na ONU e frisou que considera que, em sua concepção, todas e todos deveriam ser feministas, pois essa é uma outra palavra para igualdade. Watson também visibilizou, a partir da sua fama, a causa feminista uruguaia, que lutava por mais participação no Parlamento – o país tem um percentual de participação de mulheres em 11%, uma das mais baixas da América Latina, e uma lei de paridade foi criada para regular a situação, embora alguns deputados e senadores quisessem que ela só fosse válida em uma eleição<sup>28</sup>. Criou<sup>29</sup>, também, um clube de leitura feminista no site de rede social de leitura *Goodreads* – ela solicitou ajuda das seguidoras e seguidores para decidir o nome, que acabou sendo *OurSharedShelf*<sup>30</sup> (Nossa Estante Compartilhada, em tradução livre para o português); a cada mês, ela passou a escolher um livro para o clube e a abrir tópicos de debate em torno dele e do feminismo.

Percebemos, assim, uma notável emergência de notícias em torno das suas publicações em redes digitais: fotos de ensaios nos quais ela quebra estereótipos de gê-

22 Fonte: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2014/09/emma-watson-sofre-ameaca-apos-discurso-feminista-na-onu.html> Acesso: 16 mar. 17.

23 Fonte: <http://entretenimento.r7.com/pop/atriz-de-game-of-thrones-diz-que-nao-tem-paciencia-para-feminismo-de-primeiro-mundo-de-emma-watson-15122014> Acesso: 16 mar. 17.

24 Fonte: <http://www.geledes.org.br/emma-watson-e-estrela-da-primeira-edicao-da-revista-elle-britanica-dedicada-ao-feminismo-fotos/#gs.pMOw2JM> Acesso: 16 mar. 17.

25 Fonte: [http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2014/12/19/internas\\_viver,550297/atriz-emma-watson-e-el-eita-personalidade-feminista-de-2014.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2014/12/19/internas_viver,550297/atriz-emma-watson-e-el-eita-personalidade-feminista-de-2014.shtml) Acesso: 16 mar. 17.

26 Fonte: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2015/03/emma-watson-pede-que-mais-homens-sejam-feministas.html> Acesso: 16 mar. 17.

27 Fonte: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/05/estilo/1446724370\\_921039.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/05/estilo/1446724370_921039.html) Acesso: 16 mar. 17.

28 Fonte: [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/17/sociedad/1410985834\\_239799.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/17/sociedad/1410985834_239799.html) Acesso: 16 mar. 17.

29 Fonte: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/emma-watson-cria-club-de-leitura-feminista-saiba-como-participar/> Acesso: 16 mar. 17.

30 Para acessar o grupo: <https://www.goodreads.com/group/show/179584-our-shared-shelf>

nero praticando esportes como o box<sup>31</sup>; conversas<sup>32</sup> que ela teve com o amigo Daniel Radcliffe, intérprete de Harry Potter, nas quais ela o parabeniza por se posicionar como um parceiro na luta de Watson; apoio a movimentos em rede, como a mobilização brasileira #EstuproNãoéCulpaDaVítima, que emergiu do trágico acontecimento no qual uma menina foi estuprada por homens heterossexuais cisgêneros (que se identificam o gênero que lhes foi imposto ao nascer)<sup>33</sup>; e declarações sobre a sua carreira, como a publicação na qual ela declara que iria pausar o seu trabalho como atriz para estudar feminismo por 1 ano<sup>34</sup>.

Emma também passou a ser, para algumas pessoas, sinônimo de um feminismo branco e privilegiado<sup>35</sup> e que não pauta as diferenças que atingem mulheres negras e latinas, destacando que o feminismo deveria ser sobre dar voz aos oprimidos e não aos privilegiados, por exemplo<sup>36</sup>. A partir dessa leitura, foi ressuscitado um vídeo da atriz para uma campanha asiática da marca de cosméticos Lâncome, veiculada entre 2011 e 2013, na qual ela divulga um creme branqueador de pele<sup>37</sup>, o que contribuiria para o estigma que valoriza a beleza branca em detrimento da negra<sup>38</sup>. Após o episódio, Watson declarou que não participaria mais de campanhas de cosméticos por elas não valorizarem a diversidade<sup>39</sup> e fez uma publicação no Twitter respondendo se era uma feminista branca, na qual ela destaca que deseja que mais variadas vozes sejam vistas, ouvidas e incluídas no movimento, destacando que ela foi selecionada para o cargo na ONU por duas mulheres negras e que ela está consciente dos seus privilégios, desejando que a interseccionalidade não seja negligenciada; escreve, também, que seu mandato como embaixadora voltava-se a conscientizar e engajar os homens na luta por igualdade de gênero e que, embora esse tenha sido o seu foco, a interseccionalidade não pode ser negligenciada nessa conversa, o que não quer dizer que ela deseja falar por feministas que são atravessadas pelos marcadores de raça, mas que pode ajudar a dar holofote para essas questões; por fim, ela diz que deseja viajar mais para ouvir a voz e as histórias de diferentes pessoas, já que acredita que o feminismo deve ser universal e global<sup>40</sup>.

Alguns textos são odiosos em relação aos desdobramentos célebres em torno do feminismo de Emma Watson, como um site que diz que após o um ano que a atriz tiraria para estudar feminismo, ela poderia voltar tirando fotos menstruada, com

31 Fonte: <http://rondoniadinamica.com/arquivo/emma-watson-pratica-boxe-e-combate-estereotipos-pronta-para-tudo,122189.shtml> Acesso: 16 mar. 2017.

32 Fonte: <http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2016/04/10001797-daniel-radcliffe-defende-igualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-emma-watson-responde.shtml> Acesso: 16 mar. 17.

33 Fonte: <http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/emma-watson-se-pronuncia-sobre-estupro-coletivo-no-brasil/2016/05/30-266657.html> Acesso: 16 mar. 17.

34 Fonte: <http://cinemacomrapadura.com.br/noticias/403331/emma-watson-deixa-o-cinema-por-um-ano-para-se-dedicar-ao-feminismo/> Acesso: 16 mar. 17.

35 Fonte: <http://www.geledes.org.br/jout-jout-clarice-e-o-feminismo-branco/#gs.null> Acesso: 16 mar. 17.

36 Fonte: <https://unicornbooty.com/pt-pt/por-que-mulheres-nao-precisam-feminismo-branco/> Acesso: 16 mar. 17.

37 Fonte: <http://www.estrelando.com.br/nota/2016/03/31/emma-watson-se-envolve-em-polemica-por-cao-de-comercial-antigo-202939> Acesso: 16 mar. 17.

38 Fonte: <http://www.estrelando.com.br/nota/2016/03/31/emma-watson-se-envolve-em-polemica-por-cao-de-comercial-antigo-202939> Acesso: 16 mar. 17.

39 Fonte: <http://exame.abril.com.br/marketing/por-que-emma-watson-nao-fara-mais-publicidade-de-cosmeticos/> Acesso: 16 mar. 17.

40 Fonte: <http://prosalivre.com/emma-watson-responde-se-e-uma-feminista-branca/> Acesso: 16 mar. 17.

axilas não depiladas, com 30 quilos a mais e perdendo a sua visibilidade<sup>41</sup>. Após um discurso na sede da ONU em Nova Iorque<sup>42</sup>, que também foi altamente espalhado pelas dinâmicas dos sites de redes sociais, no qual ela fala sobre o perigo das agressões sexuais e a importância da igualdade de gênero no ambiente universitário, o tabloide *The Sun* publicou uma coluna ofendendo a atriz por, segundo eles, ter um “papiinho” esquerdista, “reclamão” e politicamente correto<sup>43</sup>. Emma parece ter diminuído o rótulo de Hermione Granger e ter recebido o de feminista, dada a forma como as suas ações tem sido pautadas: as mudanças que ela exigiu para a personagem Bela, que ela interpreta na releitura do clássico da Disney, como não usar espartilho<sup>44</sup>; a sua participação na Marcha das Mulheres<sup>45</sup>; o ativismo contra o presidente dos EUA, Donald Trump<sup>46</sup>; as ações nas quais ela espalha livros feministas com dedicatórias em estações de metrô<sup>47</sup>; além do seu funcionamento como vetor de textos opinativos sobre o feminismo, seja no Medium<sup>48</sup>, em portais de notícias<sup>49</sup> ou em coletivos midiáticos<sup>50</sup>.

Por fim, o campo problemático mais recente inaugurado pela atriz emergiu de um ensaio fotográfico para a revista *Vanity Fair*, no qual em uma das imagens Emma posou com uma parte dos seios à mostra. Isso fez com que algumas pessoas entendessem a posição da atriz como uma contradição ao feminismo, comentando a imagem publicada no Instagram e nos sites de redes sociais; em resposta, Emma destacou que o feminismo deveria ser sobre a liberdade, não os seus peitos, e que ele não deveria ser uma arma para atacar outras mulheres. No entanto, a principal crítica veio de fãs da cantora Beyoncé, que acusaram Watson de hipocrisia, pois ela teria dito em uma entrevista que estava confusa em relação a Beyoncé se dizer feminista, mas oferecer ao seu público uma visão masculina e voyeurista sobre ela mesma<sup>51</sup>. Coletivos midiáticos de fãs intensificaram a possível contradição da atriz<sup>52</sup>, assim como grupos ativistas em sites de redes sociais. No Twitter, ela publicou a entrevista de 2014, na qual fala sobre a música de Beyoncé completa, destacando os trechos de suas declarações que não foram buscadas ou publicados em nenhum espaço midiático que

41 Fonte: <https://lucianoayan.com/2016/02/19/o-que-vai-restar-de-emma-watson-depois-de-um-ano-estudando-feminismo/> Acesso: 16 mar. 17.

42 Fonte: <http://www.papelpop.com/2016/09/emma-watson-faz-um-discurso-empoderador-incrivel-sobre-violencia-sexual-em-universidades/> Acesso: 16 mar. 17.

43 Fonte: <http://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/apos-discurso-por-igualdade-na-onu-emma-watson-e-insultada-por-tabloide-ingles/> Acesso: 16 mar. 17.

44 Fonte: [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/05/estilo/1480958495\\_517906.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/05/estilo/1480958495_517906.html) Acesso: 16 mar. 17.

45 Fonte: <http://oglobo.globo.com/sociedade/dia-internacional-da-mulher-marcado-por-protestos-pelo-mundo-21029806#ixzz4bRaFkDDt> Acesso: 16 mar. 17.

46 Fonte: <https://www.noticiasao minuto.com.br/fama/305244/contra-trump-emma-watson-quer-lutar-mais-pelo-feminismo> Acesso: 16 mar. 17.

47 Fonte: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/radar-cultural/emma-watson-escondeu-100-livros-com-dedicatorias-no-metro-de-londres/> Acesso: 16 mar. 17.

48 Fonte: <https://medium.com/@juliaferraz/porque-homem-pode-ser-feminista-e-tudo-bem-1dcd1e574bf0#.x8bn47lk4> Acesso: 16 mar. 17.

49 Fonte: <http://revistagalileu.globo.com/blogs/estante-galileu/noticia/2016/12/9-livros-que-emma-watson-leu-e-que-voce-deveria-ler-tambem.html> Acesso: 16 mar. 17.

50 Fonte: <http://collantsemdecote.com.br/emma-watson-fala-sobre-sindrome-de-estocolmo-em-a-bela-e-a-fera/> Acesso: 16 mar. 17.

51 Fonte: <http://blogs.jovempan.uol.com.br/paulacarvalho/tips/emma-watson-e-feminista-ou-nao-e/> Acesso: 16 mar. 17.

52 Fonte: <http://www.beyhive.com.br/noticia/2017/03/agora-criticada-fas-relembra-quando-emma-watson-criticou-videos-e-feminismo-de-beyonce.html> Acesso: 16 mar. 17.

intensificava a polêmica. Na entrevista, Emma diz estar nervosa para falar sobre o assunto porque ainda não tinha formulado a sua opinião sobre o álbum, dizendo que por um lado ela se coloca como feminista, embora na câmera tudo pareça meio masculino, deixando claro que a performance é feita para um homem. Frisa que, no entanto, o fato de Beyoncé fazer isso para ela, como sua escolha, assumindo controle na direção, demonstra que ela está fazendo da sua sexualidade um poder e demonstrando que ela pode ser feminina, intelectual e feminista, estando de bem com todas as coisas que poderiam negar a sua mensagem, sendo isso o que ela considera mais interessante sobre o álbum, que coloca o feminismo, a feminilidade e poder feminino em um espectro amplo<sup>53</sup>.

O discurso de Emma na ONU inaugurou uma recorrente cobertura do seu ativismo feminista, desencadeando (ciber)acontecimentos que ganham o espaço jornalístico dada a forma como são espalhados pelas redes digitais, mobilizando encontros com perspectivas feministas que se referem a diferentes abordagens e interpretações, constituindo, portanto, campos problemáticos que sinalizam singularidades em torno da articulação entre feminismos e celebridades. Para Quéré (2005), o campo problemático apresenta o domínio pelo qual podemos compreender os acontecimentos, encontrando situações comparáveis, identificando causas e efeitos, construindo um passado e um futuro para ele e entendendo quem são afetados por eles. As mídias têm, como já apontava o autor, um papel fundamental no esclarecimento e discriminação dos acontecimentos, possibilitando situações discordantes que são criadas ou reveladas por eles, visando, algumas vezes, a uma resolução.

A nossa observação dos campos problemáticos inaugurados pela articulação entre a atriz Emma Watson e o feminismo ajudou a compreender como essa relação pode ser lida como acontecimental, assim como quem são as pessoas afetadas por esses acontecimentos e as formas como se dão essas afetações. Assim, as possíveis formas de ação e solução de problemas no campo do gênero também podem ser elaboradas a partir da observação dos campos problemáticos.

## Apontamentos finais

Simões (2014) relata que uma celebridade, em sua dimensão acontecimental, faz emergir um antes e um depois da sua existência. Em relação à Emma Watson, a sua intensa cobertura midiática desde a infância faz com que exista um novo passado e presente na performance da atriz marcados pelo feminismo. A autora também destaca que uma pessoa pode se projetar na experiência das celebridades – o que acontece quando passam, por exemplo, a se interessarem e a compreenderem noções feministas a partir do que Emma inaugura, como a própria Malala declara na entrevista – podem, também, se reconhecerem em uma situação vivida por uma

<sup>53</sup> Fonte: <http://portalpopline.com.br/emma-watson-se-defende-apos-ser-chamada-de-hipocrita-por-fas-da-beyonce/> Acesso: 17 mar. 17.



celebridade, o que inaugura um processo de identificação – quando pessoas já integradas a um olhar feminista passam a concordarem com as situações relatadas por Emma – ou, também, marcarem afastamentos de sua vida em relação à conduta de uma pessoa célebre, denunciando os seus fracassos e deslizes a partir de uma contraidentificação – o que, no nosso caso, foi notado em dois níveis diferentes: o primeiro em relação as pessoas que se contrapõem as ações de Emma Watson de maneira preconceituosa e machista e o segundo através de perspectivas feministas que consideram problemático o feminismo da atriz.

Emma transita, em relação ao feminismo, entre o ódio misógino e machista, a problematização dos seus discursos pelos privilégios que ela detém e ao enaltecimento das suas falas. Obviamente, muitas teóricas já apontaram o que Emma coloca, assim como dedicaram a sua vida as teorias de gênero, e não obtiverem a mesma visibilidade e legitimidade social da atriz. Isso denuncia problemáticas em relação as questões interseccionais, como a invisibilidade de mulheres negras e a dificuldade do subalterno falar em nossa sociedade, o que se desmembra, entre outros fatores, das bases sobre as quais fomos desenvolvidos: capitalistas e compostas por homens heterossexuais cisgêneros. Assim, como Fairclough (2017) coloca, é difícil pensar em ativismo dentro do entretenimento, mas celebridades como Emma Watson e Beyoncé tem demonstrado possibilidades de, a partir das brechas desse sistema conscientizarem o maior número de pessoas sobre o que o feminismo realmente é, inclusive convergindo em algumas de suas declarações, embora exista uma insistência inconsciente de gerar competição entre o que as duas reverberam, potencializando a disputa entre mulheres. Em um meio no qual celebridades intensificam as noções desinformadas sobre o feminismo – como, por exemplo, Meryl Streep e Kim Kardashian, ou ainda no qual são acobertadas violências contra as mulheres, o feminismo faz-se mais do que necessário.

O feminismo é um movimento incorporado por pessoas, nas palavras de Gay (2016), que destaca que elas sempre estarão sujeitas a falhas. Não seria adequado, portanto, culpabilizar o feminismo por declarações conflituosas de pessoas que o tomam como uma parte indissociável da sua identidade pessoal, assim como não podemos nos associar apenas às figuras de maior visibilidade. hooks (1984) entende que a solidariedade é estabelecida não só através das pessoas oprimidas, mas também das opressoras, assim a luta feminista precisaria incorporar privilegiados e subalternizados para gerar transformação. Teóricas contemporâneas, como Louro (2013) e Butler (2014), são enfáticas ao apontarem a pedagogia e a contrasexualidade como ferramenta de transformação feminista sociocultural: ora, se o sexo, assim como gênero, é construído pela cultura, devemos desenvolver enfrentamentos que performaticamente desenhem outras possibilidades de gênero para aquelas que potencializam preconceitos – o que dialoga com a concepção de homens feministas reverberada por Emma.

O feminismo digital no Brasil tem se voltado, muitas vezes, à construção de um eu-espetacular que se volta a uma política identitária subjetiva que não tem uma perspectiva mais ampla de conquistas (MALCHER, 2016). O aqui e o agora são imperativos de uma crítica sem saída, que não é direcionada a um sistema complexo de opressão, mas a um personagem específico. A autora propõe que esse esvaziamento e falta de perspectiva mais ampla do movimento possam ser solucionados a partir da reinserção do pensamento feminista em sua produção teórica e prática. Teóricas contemporâneas, como Louro (2013), são enfáticas ao apontarem a pedagogia e a contrasexualidade como ferramenta de transformação feminista sociocultural: ora, se o sexo, assim como gênero, é construído pela cultura, devemos desenvolver enfrentamentos que performaticamente desenhem outras possibilidades de gênero para aquelas que potencializam preconceitos.

O feminismo é plural e apresenta diferentes perspectivas. Ele abriu portas para muitos estudos LGBTs, luta pelo fim da opressão contra identidades de gênero marginalizadas, pauta especificamente a interseccionalidade a partir de ativistas/autoras como Davis (2013) e Crenshaw (2004). É, muitas vezes, uma ciência com teorias que se voltam a olhar o mundo com uma lente das diferenças e da multiculturalidade: uma lente que deveria acompanhar toda e qualquer análise, política ou identidade. Nesse sentido, as redes digitais amplificam o campo problemático em torno de acontecimentos que movimentam essas questões. Diferentes celebridades abertas ao diálogo e a usarem o seu potencial de espalhamento midiático para conscientizarem e transformarem a sociedade podem ser aliadas dessas lutas – que, ao inaugurarem campos problemáticos, tornam-se objeto de conversações plurais. Em vez de, por exemplo, pensarmos em Emma Watson ou Beyoncé, podemos pensar em Emma Watson e Beyoncé, aliadas a outras pessoas célebres que ajudem a cobrir e visibilizar as mais diferentes questões em torno do gênero – ainda que a contribuição surja a partir de apontamentos críticos que contribuam para a construção de epistemologias feministas.

## Referências

AQUINO BITTENCOURT, M. C. As narrativas colaborativas nos protestos de 2013 no Brasil: midiaticização do ativismo, espalhamento e convergência. **Revista Latinoamericana Comunicación**. Chasqui, v. 1, p. 325-343, 2015.

AQUINO BITTENCOURT, M. C.; GONZATTI, C.; HENN, R.; VIERO, F. O Desafio do Balde de Gelo como ciberacontecimento: celebridades como vetores-chave de espalhamento e apropriações. **Revista Fronteiras- estudos midiáticos**. V. 17 N° 1. janeiro/abril 2015

AQUINO BITTENCOURT, MC. #CONTRATARIFA: Produção e Circulação de Hashtags pelo Jornalistas Livres. In: **Revista Mídia e Cotidiano**. Seção Temática Número 9. Agosto 2016. Disponível em: <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/>

Midecot/article/view/289

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, 2003: Civilização Brasileira.

BUTLER, J. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu** (42), janeiro-junho de 2014.

CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**, Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/lfbEzB>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto: 2013. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/165852/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf>.

FAIRCLOUGH, K. É difícil relacionar ativismo e indústria do entretenimento. Entrevista a Thiago Soares e Suzana Mateus. **Continente**, 2017. Disponível em: <http://www.revistacontinente.com.br/sumario/195/entrevista.html>. Acesso: 09 mar. 2017.

FAIRCLOUGH, K. Para debater Beyoncé na cultura pop: entrevista a Thiago Soares e Suzana Mateus. **Revista Eco Pós**, v 19, n.3, 2016. Disponível em <<https://goo.gl/4QPSfE>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C.A.M. (ORGs.) **Memória e Celebidades. Estratégias Narrativas em Contextos de Alta Visibilidade**. 2 – ed. Rio de Janeiro: e-papers, 2005.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. 3 ed – São Paulo: Claridade, 2015.

GAY, R. **Má feminista: ensaios provocativos de uma ativista desastrosa**. Novo Século Editora: Barueri, 2016.

HENN, R. **El ciberacontecimiento: producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

hooks, b. **Feministtheoryfrommarginto center**. South End Press: Boston, 1984.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. Introdução. In: JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da Conexão**. Criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. IN: **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008

- LOURO, G. L. **Um corpo estranho- ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- MALCHER, B. M. da G. **Crítica, moral e espetáculo: o caso do feminismo digital**. Dissertação de mestrado, UFRJ, 2016.
- MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MEYER, D. E. **Gênero e educação: teoria e política**. In: LOURO, G.L ; FILIPE, J. ; GOELLNER, S.V (Org.). **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 8.ed. – Petropolis, RJ: Vozes, 2012.
- MORIN, E. 1997. **Cultura de Massa do século XX: o espírito do tempo – vol. 1: neurose**. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- PEIRCE, C. S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.
- QUÉRÉ, L. **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento**. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, nº 6, 2005, p. 59-76.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação e Realidade**. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.
- SIMÕES, P. G. **O poder de afetação das celebridades**. In: FRANÇA, Vera; FREIRE FILHO, J. B. M; LANA, L. C. C; SIMÕES, P. G. **Celebridades no século XXI: transformações no estatuto da fama**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.